

«A génese da alma portuguesa». Algumas concomitâncias entre a *Crónica do Imperador Clarimundo* e o *Ciclo de D. Belindo*

Pedro Álvarez-Cifuentes

Departamento de Filología Clásica y Románica
Universidad de Oviedo 

<https://dx.doi.org/10.5209/rfrm.100723>

Resumo: A despeito do papel fundacional da *Crónica do Imperador Clarimundo* (1522) e da sua grande popularidade em Portugal durante os séculos XVI e XVII, não encontramos nenhuma referência direta ao romance de juventude do historiador João de Barros ao longo da *Crónica do Imperador Beliandro* (ou *Ciclo de D. Belindo*), cujas duas primeiras partes foram escritas pela condessa da Vidigueira, D. Leonor Coutinho de Távora (+1648). Propomos, porém, neste trabalho uma exploração de algumas concomitâncias e momentos-chave partilhados entre o *Clarimundo* de João de Barros e o *Ciclo de D. Belindo*, isto é, o primeiro e um dos últimos livros de cavalaria escritos em língua portuguesa.

Palavras-chave: *Clarimundo*, *Beliandro*, *Ciclo de D. Belindo*, livros de cavalaria, intertextualidade.

ENG «A génese da alma portuguesa». Some similarities between the *Crónica do Imperador Clarimundo* and the *Ciclo de D. Belindo*

Abstract: Despite the founding role of the *Crónica do Imperador Clarimundo* (1522) and its great popularity in Portugal during the sixteenth and seventeenth centuries, no direct reference to this book (published by the historian João de Barros in his youth) has been found in the *Crónica do Imperador Beliandro* (or *Ciclo de D. Belindo*), another chivalric romance whose first two parts were written by the Countess of Vidigueira, D. Leonor Coutinho de Távora (+1648). Nevertheless, in this work I propose an exploration of some similarities and common key moments between João de Barros's *Clarimundo* and the *Ciclo de Belindo*, the first and one of the last books of chivalry written in Portuguese.

Keywords: *Clarimundo*, *Beliandro*, *Ciclo de D. Belindo*, books of chivalry, intertextuality.

ESP «A génese da alma portuguesa». Algunas concomitancias entre la *Crónica do Imperador Clarimundo* y el *Ciclo de D. Belindo*

Resumen: Pese al papel fundacional de la *Crónica do Imperador Clarimundo* (1522) y de su gran popularidad en Portugal durante los siglos XVI y XVII, no hemos encontrado ninguna referencia directa a la novela de juventud del historiador João de Barros en la *Crónica do Imperador Beliandro* (o *Ciclo de D. Belindo*), cuyas dos primeras partes fueron escritas por la condesa de Vidigueira, D. Leonor Coutinho de Távora (+1648). Se propone, sin embargo, en este trabajo una exploración de algunas concomitancias y momentos clave compartidos entre el *Clarimundo* de João de Barros y el *Ciclo de Belindo*, esto es, el primero y uno de los últimos libros de caballerías escritos en lengua portuguesa.

Palabras clave: *Clarimundo*, *Beliandro*, *Ciclo de D. Belindo*, libros de caballerías, intertextualidad.

No fim de contas, *Clarimundo* e *D. Quixote* [...] são, por assim dizer, os dois extremos de uma mesma cadeia, a de uma espiritualidade conquistadora de vocação universal, destroçada — mas também transfigurada em sabedoria humana — pelo contacto da idade de ferro — e ouro — da história ocidental
Eduardo Lourenço, «Clarimundo: da ideologia à simbologia imperial» (1986: 62)

Clarimundo en parte flores de los primeros años del mayor hystoriador humano Francisco de Portugal, *Arte de galantería* (1670: 96)

A *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal desçendem*, esse romance de juventude composto ao longo de oito meses de 1520 pelo futuro historiador João de Barros (ca. 1496-1570) – talvez para ensaiar a pena «nos espaços, que lhe restavão, publicamente, [...] na mesma Guardaroupa do paço, sem outro repouso, nem mais recolhimento, onde o juizo quieto pudesse escolher as cousas que a fantasia lhe representava», como refere Severim de Faria (1624: 25v) na sua biografia do autor –, é o primeiro livro de cavalarias impresso em língua portuguesa e um dos mais apreciados pelos leitores da época¹. Conhecemos na atualidade até cinco edições diferentes da *Crónica do Imperador Clarimundo* entre os séculos XVI, XVII e XVIII, mas não consta nenhum testemunho da anunciada segunda parte da narrativa, que, aliás, se calhar nunca chegou a ser redigida por Barros².

A *editio princeps* do *Clarimundo* foi impressa em Coimbra por Germão Galharde em 1522 e o seu único testemunho conhecido conserva-se na Biblioteca Nacional de Espanha (R/11727). Há uma edição posterior de 1555, dada à estampa também em Coimbra por João Barreira. No início do século XVII existe uma edição lisboeta de 1601, «da qual há duas impressões idênticas, uma às custas de André Lopes e outra às custas de Jerónimo Lopes, com vários testemunhos hoje conhecidos» (Ventura 2018: 20), um facto que o especialista Aurelio Vargas Díaz-Toledo (2012a: 33) julga surpreendente, ao considerar que «do extenso espólio de João de Barros, nem a Ásia nem a *Gramática da língua portuguesa* tiveram uma tal fortuna editorial». Para Severim de Faria:

sendo este livro fabuloso, & o primeiro parto de sua idade juvenil, teve melhor fortuna nas impressões, que as outras obras, & *Decadas* do mesmo Autor: donde se ve como o gosto do vulgo não se governa por razão, [mas por] apetite, & que o bom de ordinario contenta aos menos (Faria 1624: 38v-39r).

Já em Setecentos a *Crónica do Imperador Clarimundo* teve mais duas edições: uma em 1742, do impressor Francisco da Silva – a qual inclui a «Vida de João de Barros» de Severim de Faria –, e outra em uma data tão tardia como 1792, a cargo de João António da Silva. Como vemos, apesar da progressiva mudança das modas literárias em toda a Europa o género cavaleiresco parece ter tido um público fiel em Portugal, o que explicaria que um texto tão extenso como o *Clarimundo* fosse levado à impressa em dois momentos diferentes ainda no século XVIII³.

Noutros casos, os livros de cavalarias portugueses tiveram menos edições – com a única exceção do *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes, que foi traduzido para as principais línguas europeias⁴ – ou, com frequência, ficaram manuscritos. Foi o que aconteceu com obras posteriores como a *Crónica de D. Duardos* de D. Gonçalo Coutinho e a *Crónica do Imperador Beliandro*, também conhecida como *Ciclo de D. Belindo* por causa do seu protagonista, o príncipe D. Belindo de Portugal, chamado o Cavaleiro das Memórias Partidas. As duas primeiras partes do *Beliandro* foram escritas em meados do século XVII pela condessa da Vidigueira, D. Leonor Coutinho de Távora (+1648), enquanto a terceira e quarta partes circularam já nos alvores do século XVIII (Vargas Díaz-Toledo 2012a: 120-124)⁵. Propomos, neste trabalho, uma primeira exploração de algumas concomitâncias entre o *Clarimundo* de João de Barros e o *Ciclo de D. Belindo*, isto é, o primeiro e um dos últimos romances de cavalaria escritos em língua portuguesa.

Um aspecto que potencia a profundidade estrutural dos livros de cavalarias, intensificando a sensação de realidade – ou «ambiência de veracidade» (Ventura 2018: 24) – da narração, é a menção constante a crónicas, histórias e relatos anteriores que existem intradiegeticamente no universo ficcional e que servem para registar as façanhas dos cavaleiros e paladins do passado – como Amadis de Gaula, D. Duardos, Palmeirim de Inglaterra e «os mais de que as crónicas antigas nos têm dado tão larga rezão» (*Beliandro* II, cap. 17)⁶ –, modelos de comportamento heroico para as novas personagens⁷. Assim, ao longo do *Ciclo de D. Belindo* são frequentes as alusões às «muitas crónicas dos antigos emperadores» (*Beliandro* I, cap. 24), como os anais do império de Trapisonda – os quais explanam a linhagem do príncipe Floranteo e as intrigas da feiticeira Grifónia –, as crónicas inglesas de Cornélio Faquião – que descrevem as maravilhosas proezas e os encantamentos feitos pelo mago Apolidão ao serviço da Casa da Grécia – e as várias referências aos livros anteriores da saga dos Palmeirins, ancestrais do grande imperador Beliandro, senhor da cidade de Constantinopla. No *Ciclo de D. Belindo*, a memória das personagens também abrange a reflexão nostálgica sobre os tempos passados. Num ponto da narração, por exemplo, Beliandro recebe a visita dos seus

¹ Acerca do género cavaleiresco em Portugal, vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Finazzi-Agrò (1978), Almeida (1998), Osório (2001), Vargas Díaz-Toledo (2006, 2012a e 2012b), e o site *O Universo de Almourol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVII*. <<http://www.universodealmourol.com>>.

² Sobre João de Barros, além da «Vida» de Severim de Faria, pode consultar-se a biografia de Boxer (1981) e também Coelho (1992) e Almeida (2000).

³ No século XIX há uma edição do *Clarimundo* de 1842, na *Typographia Rollandiana*, e duas edições no século XX: a de Marques Braga na «Colecção de Clássicos Sá da Costa» (1953) e a mais recente de Ricardo Ventura (2018), que salienta o seu carácter de «primeira novela de cavalarias original escrita em português» (Ventura 2018: 20). Nas últimas décadas, a bibliografia sobre o *Clarimundo* é abundante: vejam-se, a título de exemplo, os estudos de Mongelli (1982 e 2025), Santos (1987), Riscado (1988), Osório (1990), Carrasco González (1991), Paixão (1993 e 1996), Brandenberger (2003 e 2004), Siqueira (2010), Reis (2013a, 2013b, 2019a, 2019b e 2020) ou Feitosa (2013).

⁴ Ver a nova edição do *Palmeirim de Inglaterra* de Vargas Díaz-Toledo / Álvarez-Cifuentes (2021). Sobre as traduções dos livros de cavalarias peninsulares, veja-se Thomas (1920: 180-301).

⁵ Sobre D. Leonor Coutinho e a *Crónica do Imperador Beliandro*, ver Álvarez-Cifuentes (2012, 2016, 2018 e 2025) e Romero (2012).

⁶ Neste trabalho, citamos a nossa edição do texto (Álvarez-Cifuentes 2025), a partir do ms. 875 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

⁷ De acordo com Siqueira (2010: 123), é muito frequente que o narrador do *Clarimundo* «faça comparações entre o comportamento de personagens nos “tempos distantes” e o de cortesãos contemporâneos seus».

parentes, o imperador da Alemanha e o rei da Trácia, e os três velhos amigos, com uma certa saudade pelos dias de mocidade, «passavam as horas recitando histórias do tempo de cavaleiros andantes» (*Beliandro I*, cap. 28). No *Clarimundo*, no palácio do imperador Polinário da Grécia há uma câmara com retratos chamada «Frol do Esforço», «ond'estavam todolos cavaleiros de sua casa dinos de memória, tirados per natural, e segundo o que cada um merecia assi estava mais acerca do trono de sua real pessoa» (*Clarimundo I*, cap. 27)⁸.

A despeito do papel fundacional da *Crónica do Imperador Clarimundo* e da sua grande popularidade, não encontramos, porém, nenhuma referência direta ao livro de João de Barros ao longo das quatro partes do *Ciclo de D. Belindo*. No que diz respeito à onomástica das personagens⁹, apenas detetamos a repetição de alguns poucos nomes, como, por exemplo, Clarinda – a filha primogénita do imperador da Grécia e futura mulher do protagonista no *Clarimundo*; a tristonha princesa da Boémia, uma personagem secundária, no *Beliandro*—. Curiosamente, na quarta parte do *Ciclo de D. Belindo* aparece um cavaleiro chamado Clarimundo da Mesopotâmia, que, apesar de receber o mesmo nome, não tem nada a ver com o protagonista de Barros. Além disso, o romance da condessa da Vidigueira parece desenvolver a história de uma estirpe imperial da Grécia diferente da que aparece no *Clarimundo*: os imperadores Germano e Polinário, o pai da princesa Clarinda, não aparecem referidos entre os muitos ascendentes de Beliandro e os seus filhos¹⁰. Isto não quer dizer que D. Leonor Coutinho não conhecesse o livro de João de Barros, senão que uma leitura atenta revela uma série de correlações ou concomitâncias entre o *Clarimundo* e o *Beliandro*. Neste caso, abordar-se-á a análise dos primeiros momentos-chave da biografia do herói cavaleiresco – tais como, seguindo a classificação de Juan Manuel Cacho Blecua (1979)¹¹, «nacimiento extraordinario», «abandono y educación», «profecías y sueños», «investidura», «reconocimientos», etc. –, no contexto da habitual reiteração de motivos que é comum a todos os livros de cavalarias dos séculos XVI e XVII¹².

Para já, a evidente semelhança entre os dois títulos, *Crónica do Imperador Clarimundo* e *Crónica do Imperador Beliandro*, revela o papel de autoridade – ou de modelo a imitar – que exerceu a obra de João de Barros sobre todos os romances posteriores em língua portuguesa: não podemos esquecer a anónima *Crónica do Imperador Maximiliano*, de finais do século XVI, que também apresenta um título análogo (Vargas Díaz-Toledo 2012a: 66-74). As duas narrações, o *Clarimundo* e o *Beliandro*, passam-se na corte imperial de Constantinopla¹³ e remetem como fonte à obra anterior de um autor estrangeiro: no *Clarimundo* trata-se do alemão Carlim Delamor – «homem fidalgo e bem docto em todalas cousas que a tal pessoa convinham» (*Clarimundo*, prólogo), bom conhecedor das crónicas dos reis húngaros e dos imperadores bizantinos – e, no caso do *Beliandro*, temos um tal Cornélio Faquião, «cronista de nação inglês que foi o que dos anaes gregos tirou esta história e que nós fielmente trasladámos» (*Beliandro I*, cap. 23). Eis o velho recurso do «autor fingido», uma estratégia metaficcional muito característica do género cavaleiresco, que remonta a sua origem às histórias troianas de Dares Frígio e Díctis de Creta e aparece também no ciclo arturiano, no *Cavallero Cifar*, no *Amadís de Gaula*, no *Palmeirim de Inglaterra* e até em *D. Quixote* (Thomas 1920: 13)¹⁴. No *Clarimundo*, seria o próprio João de Barros, pajem e moço da guarda-roupa do príncipe D. João de Portugal – isto é, o futuro rei D. João III – o encarregado de traduzir e/ou adaptar a crónica do príncipe da Hungria e imperador de Bizâncio (fictício ancestral da Casa Real portuguesa), como ele próprio aduz:

porque somente os húngaros e gregos de suas memoráveis[!]s façanhas tinham lembrança (polas em sua linguagem terem escriptas), quis trespassar esta primeira parte de sua crónica em a nossa portuguesa, porque a nós suas cousas também púbricas fossem, pois nos tociam pola parte que dele recebemos (*Clarimundo*, prólogo)¹⁵.

No caso da *Crónica do Imperador Beliandro* o tradutor ‘em vulgar’ seria uma personagem inominada que talvez pudéssemos identificar com a própria D. Leonor Coutinho, leitora fiel e apaixonada das crónicas de outrora. Assim, na terceira parte do ciclo fala-se duma certa sábia Lorina (ou Lorinda): talvez pudéssemos interpretar ‘Lorina’ como um anagrama de Lianor / Leonor:

⁸ Neste trabalho, citamos a nossa edição do texto, a partir de Barros (1522).

⁹ Sobre a onomástica das personagens dos livros de cavalarias, ver Coduras Bruna (2015).

¹⁰ No *Ciclo dos Palmeirins*, a dinastia de imperadores da Grécia estaria composta por Reimício, Palmeirim de Olivia, Primaleão I, Florendos, Primaleão II e Beliandro. Sobre as gerações da Casa da Grécia, ver Álvarez-Cifuentes (2021).

¹¹ Entre os muitos motivos comuns do *Clarimundo* com o *Amadís de Gaula*, Marques Braga (1953: I, xi-xliv) assinala, por exemplo, o idílio problemático com Oriana / Clarinda, o papel de Mabilá / Filena como intermediária nas relações amorosas, a morte do Endriago / serpente alada, as frequentes metamorfoses das personagens, os muitos sobrenomes do cavaleiro andante, a prova da espada / armadura encantada, etc.

¹² Muitas destas construções narrativas também são frequentes no romance arturiano; a propósito do *Lancelot*, veja-se Correia (2015).

¹³ Sobre o papel fulcral da cidade de Constantinopla nos livros de cavalarias, ver Stegagno-Picchio (1979).

¹⁴ Ver também Fogelquist (1982).

¹⁵ Noutra passagem do texto, recebemos mais informação sobre a origem da crónica: «E eu creio (segundo me disse Carlim Delamor) que anda este volume em poder dos turcos, porque quando tomaram a grã cidade de Constantinopla recolheram muita livraria, ante a qual estão as obras dos emperadores e algúias que nós agora vemos sôs por esta causa. Os gregos que debaixo do senhorio do Turco vivem também lhe ficaram algúias memórias das cousas passadas, assi como nós temos, e algúia parte delas (segundo também outros dizem) foram levadas per um coronista do Emperador à ilha de Rodes quando foi aquela destroïção da cidade; porém, as mais estavam naquela grã casa do Tombo, onde se a livraria tomou, e agora dizem que está em ūa cidade chamada Mostana, em ūa torre que o Turco mandou fazer, a que pôs nome Memória Vâ pelas escrituras que dentro estão e tão pouco fruito de si deram» (*Clarimundo I*, cap. 47).

Vencelinda [...] se lembrava de haver lido naquele livro que lhe emprestara a discreta Florisbea, senhora do Deleitoso Vale dos Labirintos, o qual compusera em grego um Cornélio Faquião e o traduzira em vulgar a sábia Lorina, senhora da Caudelosa Fonte das Discrições, que o príncipe de Portugal D. Belindo trazia no escudo a empresa das Memórias Partidas (*Beliandro III*, cap. 41)¹⁶.

Desde o *Amadís de Gaula* e o *Palmerín de Olivia*, um primeiro motivo de matriz arturiana que se repete na maioria dos livros de cavalaria peninsulares é o nascimento extraordinário do futuro herói e a consequente perda (ou desaparecimento) do infante real, em circunstâncias mais ou menos misteriosas. Destarte, tanto o *Clarimundo* como o *Beliandro* começam com o sequestro de um recém-nascido. No romance de João de Barros, o primogénito do rei Adriano da Hungria e de Briaina, filha do rei Cláudio de França, chegado ao mundo numa noite tormentosa cheia de sinais maravilhosos – que fazem lembrar os que acompanharam o nascimento do próprio D. João III em junho de 1502 (Boxer 1981: 39) – desaparece no meio de um complexo enredo que envolve os seus pais adotivos, o conde Drongel e a condessa Urbina, a ama-de-leite do infante, Fainama, e o seu parente, o mouro Maquinar, que o trocam por uma criança morta. Como Moisés nos canaviais do Nilo, o pequeno príncipe Clarimundo – um nome «que conveo mui bem com todalas suas manhas e obras, que foram luz e claridade do mundo» (*Clarimundo I*, cap. 2) – será encontrado finalmente pela dama Grionesa, uma viúva sem filhos, que o criará na Ilha Avondosa, perto da Sicília, recebendo o novo nome de Belifonte «por causa da fonte onde o Grionesa achara e da beldade de sua fermosura» (*Clarimundo I*, cap. 10).

Na *Crónica do Imperador Beliandro*, Belifloto e Beliandra, os filhos gémeos do imperador grego, são raptados por uns grifos negros no mesmo dia do seu nascimento, na sequência de um terramoto que assola a cidade de Constantinopla, e levados para a mágica Ilha das Palmeiras, onde serão criados pela sábia Dorcina, com o intuito de desfazer o feitiço de que está prisioneiro o seu afilhado, o imperador Floranteo de Trapisonda. O mago Arideo – personagem tutelar e benfeitor da Casa da Grécia: um papel semelhante ao do sábio Fanímor, «senhor das Pousadas do Sol, chamadas as Ilhas Bem-Aventuradas» (*Clarimundo I*, cap. 22) no livro de Barros – será o encarregado de reconfortar os imperadores Beliandro e Lusbea e de consolá-los da perda dos filhos com uma carta enigmática que anuncia futuras maravilhas e proezas:

A tristeza em que hoje está a vossa corte será em breves tempos convertida na maior alegria, porque os vossos filhos estão em parte onde serão tão bem servidos como o podiam ser em vossa casa e, quando os virdes, será a tempo em que o leão mais feroz sairá da mais escondida cova e com o primeiro bramido chegará ao último da vida a real onça, que livre pelos bravos leões ficará essa corte na maior alteza, e o que aqui digo sucederá sem faltar nada (*Beliandro I*, cap. 1)¹⁷.

Como acontece no *Amadís de Gaula*, o desaparecimento do príncipe recém-nascido conduz eventualmente a um momento de feliz anagnórisse (ou reconhecimento) quando o herói atinge a idade de ser armado cavaleiro, que é outro dos motivos mais recorrentes dos romances arturianos e dos livros de cavalaria peninsulares. No *Clarimundo*, o jovem Belifonte cresce em companhia dos colações Carfel e Filena, seus melhores amigos, recebe aulas de «um grande filósofo» que foi trazido à Ilha Avondosa «para ensinar em todalas artes que a tal pessoa convinham» (*Clarimundo I*, cap. 10), mas costuma gastar o tempo «em ler as cousas dos cavaleiros passados e [...] ouvir as que os presentes faziam» (*Clarimundo I*, cap. 10), alimentando sonhos de se tornar um cavaleiro-andante. A sua mãe adotiva, Grionesa, é viúva do cavaleiro Minarte d'Anforja, filho herdeiro do duque de Ferrara, o qual foi despossado da sua legítima herança pelo malvado meio-irmão Filenor. Esta história de Grionesa e Minarte tem muitos pontos em comum com o malefício de Floranteo de Trapisonda e também com a aventura da duquesa de Mântua, uma trama secundária da primeira parte do *Beliandro* que já analisámos num trabalho anterior (Álvarez-Cifuentes 2019). A resolução das duas histórias é similar, e a dama Grionesa acaba por recuperar título e fazenda graças ao valor demonstrado pelo filho adotivo, que dará morte ao traidor Filenor e será armado cavaleiro pelo seu avô Cláudio, rei de França.

No *Ciclo de D. Belindo*, o príncipe Belifloto da Grécia é educado pelos melhores mestres na Ilha das Palmeiras e, ao completar quinze anos, é levado como incógnito pela sábia Dorcina para Constantinopla, onde receberá as armas das mãos dos pais, Beliandro e Lusbea. A imperatriz, apesar de não saber que o cavaleiro desconhecido é o seu filho perdido, cinge-lhe a espada «com tão boa vontade e alegria que bem se via aqui o milagre da força que tem o sangue» (*Beliandro I*, cap. 8). Belifloto, agora denominado Cavaleiro dos Grifos, liberta a princesa Alcidónia da Trácia da prisão do gigante Tramorlante e ajuda o infeliz Floranteo a recuperar o trono de Trapisonda. Em seguida, volta à Floresta das Flores, palácio de verão dos imperadores helenos, para salvar a sua mãe e a princesa Leridónia de França do ataque de uns gigantes ao serviço do Grã-Turco, o velho inimigo da Casa da Grécia.

Eis o momento escolhido pela sábia Dorcina para revelar a verdadeira identidade do Cavaleiro dos Grifos dizendo: «Se com vos trazer vossos filhos neste tempo me não perdoais haver-vos-los levado quando naceram, não sei de que me poderei valer para que a Imperatriz, minha senhora, me não queira castigar pela primeira culpa!» (*Beliandro I*, cap. 13). Os imperadores da Grécia recebem Belifloto e a irmã Beliandra

¹⁶ Algun crítico também quis ver no nome Cornélio Faquião um anagrama imperfeito do nome de D. Leonor Coutinho: «Quanto ao supposto autor inglez, é evidentemente pseudonymo, um anagramma talvez? De quem? Cornelio Fachiam, ou Faquian (Fackingham) é talvez uma alteração pelos copistas sucessivos. Pois se fosse Houton dava exactamente o anagramma de Leonor Coutinho» (Allen 1893: 67).

¹⁷ Uma profecia de teor semelhante aparece no livro terceiro do *Clarimundo*: «não se sabe quem será aquele filho da mansa cordeira e bravo lião, em cujo tempo [a misteriosa ilha das Maias] será descuberta» (*Clarimundo III*, cap. 79).

com lágrimas de alegria. É neste ponto da narração que a princesa Leridónia de França fica apaixonada pelo cavaleiro grego, presuntivo herdeiro do trono bizantino, o que dá lugar ao principal eixo argumental do romance de D. Leonor Coutinho, isto é, o enfrentamento entre os dois rivais, Beliflóro da Grécia e D. Belindo de Portugal, pelo amor da belíssima francesa.

A anagnórisse de Beliflóro e Beliandra é muito semelhante ao regresso de Clarimundo à terra da sua família, depois de ser armado cavaleiro pelo rei de França – o qual desconhece que o intrépido Belifonte é o seu neto perdido –. Primeiro, o herói socorre Targeta, donzela da sua avó Lucena, e depois combate com o Cavaleiro da Tenda (o seu parente Asquilante) e conhece o donzel D. Dinarte da Hungria, seu irmão mais novo. Quando chega ao reino da Hungria, Clarimundo é informado de que a rainha Briaina e as suas filhas, as infantas Filatéria e Querimónia, tinham sido sequestradas pelo monstro hermafrodita Pantafasul durante uma peregrinação à abadia de Santa Maria dos Tristes e, sem um momento de hesitação, acode rapidamente em seu auxílio. Clarimundo derrota o gigante de dois corpos, consegue resgatar a sua mãe e as suas irmãs e acompanha-as até à cidade de Buda, onde se reúnem com o rei Adriano. Neste momento, a rainha Briaina reconhece em Belifonte uma marca que o seu filho perdido também tinha no peito – «um sinal de chaga que sobre o coração na parte dereita trazia, tão vermelho que parecia verter craro sangue» (*Clarimundo I*, cap. 2), que apenas o verdadeiro amor poderá curar – e o cavaleiro explica-lhe que não sabe quem são os seus verdadeiros pais, mas que foi criado pela viúva Grionesa, «que me achara em idade de três meses em estes vossos reinos junto de ū fonte, donde me ficou o nome que tenho» (*Clarimundo I*, cap. 21). Escreve então o cronista: «Quando Briaina conheceo que aquele era seu verdadeiro filho, por quem tantas lágrimas tinha derramado, foi tamanho o sobresalto que o coração de prazer sentio que esmoreceo sobre o leito onde ele estava lançado, dizendo: Filho, filho!» (*Clarimundo I*, cap. 21). Tanto no *Clarimundo* como no *Beliandro* é a mãe do herói a primeira que reconhece o filho perdido, sob o efeito daquela cervantina ‘força do sangue’. A semelhança entre as passagens de anagnórisse de ambas obras é tão forte que cabe perguntar-nos até que ponto o *Ciclo de D. Belindo* está a copiar (ou imitar) o texto de Barros (seja de maneira consciente ou inconsciente).

Uma vez esclarecida a identidade do príncipe, os reis da Hungria comemoram o regresso do filho com grandes festejos na cidade de Buda, como farão os imperadores da Grécia para celebrar o retorno dos gémeos Beliflóro e Beliandra. Clarimundo adota então o novo nome de Cavaleiro das Lágrimas Tristes e decide viajar até à corte imperial de Constantinopla, onde conhecerá a princesa Clarinda, o «segredo de sua alma» (*Clarimundo II*, cap. 37) e amor predestinado, dando lugar a novas aventuras, «na sua peregrinação iniciática em busca do perfeito amor e do império universal» (Lourenço 1986: 64). Clarimundo perderá a memória por efeito de uma poção mágica da maléfica Farpinda – um «vaso de esquecimento», segundo a expressão de Barros – e, curado do feitiço pelas artes do sábio Fanímor, chegará finalmente até aos confins da Lusitânia, ao Monte da Lua, na mítica Roca de Sintra, um lugar que fascina o herói. Isto não admira a Fanímor, que lhe diz: «Senhor Clarimundo [...], não sem causa tendes amor a esta terra, pois tanta parte as vossas cousas nela hão de ter» (*Clarimundo III*, cap. 82).

Neste Fim do Mundo português, o mágico revelará ao cavaleiro as famosas profecias em oitava rima sobre o futuro glorioso dos seus descendentes, os reis de Portugal, contribuindo à «edificação da identidade nacional do povo lusitano» (Vargas Díaz-Toledo 2012a: 19). Assim, neste ponto a narrativa de Barros assume-se como prenúncio e apologia da «aventura expansionista do Portugal de 1500» (Paixão 1993: 294). Na genealogia mítica do romance – inspirada seguramente na *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão – o príncipe Clarimundo da Hungria – aquele «país vago das genealogias forjadas» (Figueiredo 1950: 239) – seria o avô do conde D. Henrique de Borgonha, de suposta origem bizantina¹⁸, e bisavô, portanto, de D. Afonso Henriques. Como augura a cabeça de ouro falante da Floresta Encantada:

E no tempo que a nobre cavalaria de Grécia desfalecer [...] então será por seus pecados tomado e peuído dos turcos, entrando per ele como os bárbaros entraram na feroz Espanha quando dom Rodrigo, o derradeiro rei dos godos, a perdeo. E assim também os reis portugueses, que de ti [Clarimundo] hão de proceder, lançarão de suas terras a danada seita [dos mouros] e entrarão nas partes de África e Ásia, regando os campos com o sangue desta bárbara gente, assim os reis de Hongria, donde tu descendes, ficarão nestas partes de Grécia sostendo o ímpeto de todolos turcos (*Clarimundo I*, cap. 59).

Os reis portugueses, legítimos herdeiros da glória de Bizâncio através da progénie lendária do cavaleiro Clarimundo¹⁹ – essa «génese da alma portuguesa», nas sugestivas palavras de Rosário Santana Paixão (1993: 293) –, serão os defensores da fé cristã no Oriente e no Ocidente. A interpretação da *Crónica do Imperador Clarimundo* como «húa pintura metaphorica de exercitos, e vitorias humanas, nesta figura racional do emperador Clarimundo [...], afim de aparar o estilo de minha possibilidade pera esta vossa Asia» (Barros 1551: 1v)²⁰, alegada pelo próprio João de Barros no prólogo da primeira das *Décadas*, e, ainda mais, como «engrandecimento de Portugal» (Santos 2001: 481) ou «metáfora celebrativa dos feitos guerreiros da

¹⁸ «El arzobispo Rodrigo de Toledo (de *Rebus Hisp.* VI, 20) dice que [el conde don Enrique] era de Besançon: “comes Enricus ex partibus Bisontinis” [...]. El *Bisontinis* del texto del Toledano [...] fue leído por algunos *Bizantinis*, y se creyó a don Enrique de Constantinopla» (Menéndez Pidal 1954: II, 466-467).

¹⁹ «Somente digo, segundo o que nestas partes vi, que D. Anrique era neto de Clarimundo [...], que foi rei de Hungria per falecimento de Adriano, seu pai, e por parte de Clarinda, sua mulher, herdou o império de Constantinopla, ao qual sucedeo nestes doux senhorios D. Sancho, seu filho, pai de D. Anrique» (*Clarimundo*, «Concordância que o traslador faz antre doux coronistas sobre a vinda de D. Anrique nestes reinos d’Espanha e sobre a sua genealogia»).

²⁰ Sobre esta «pintura metaphorica», ver também Reis (2013b).

Coroa portuguesa» (Ventura 2018: 21) poderia pôr-se em relação com a aparição estelar de um campeão neta e intrinsecamente lusitano na *Crónica do Imperador Beliandro*, o melancólico D. Belindo de Portugal, o qual acaba por roubar todo o protagonismo aos príncipes da Grécia e converter-se no verdadeiro herói da narração de D. Leonor Coutinho, libertando Constantinopla do cerco dos otomanos²¹. Poderia ser este D. Belindo, espelho de cavaleiros e amantes, um outro descendente da prole do húngaro Clarimundo e da grega Clarinda? Será um arquétipo heroico da genuína alma portuguesa?

O que resulta evidente é que o *Ciclo de D. Belindo* cumpre de trás para a frente todas as convenções do género, com a repetição de elementos folclóricos e de momentos-chave frequentemente estereotipados pela tradição anterior, como bem estudou Cacho Blecua (1979) para o caso do *Amadís de Gaula*. Neste sentido, ao examinar o possível horizonte de leituras da condessa da Vidigueira, em meados do século xvii, não só deveríamos ter em conta o *Amadís de Rodríguez de Montalvo* (1508) e os livros pertencentes ao *Ciclo dos Palmeirins* – como o *Palmerín de Olivia* (1511), o *Primaleón* (1512) ou o *Palmeirim de Inglaterra* de Morais (c. 1544), ilustres antepassados ficcionais do imperador Beliandro –, mas também outros textos portugueses, talvez menos conhecidos ou não claramente referenciados no texto. Entre todos eles, destaca a influência – direta ou indireta – da *Crónica do Imperador Clarimundo* de João de Barros, com «its inexhaustible flow of clear, smooth, vigorous prose, entirely free from awkwardness or hesitation» (Bell 1922: 192) e as suas muitas edições e leituras durante os séculos xvi e xviii. Definitivamente, torna-se evidente que uma análise acurada da obra de juventude de João de Barros – a qual, segundo Eduardo Lourenço (1986: 62), merecia salvar-se no escrutínio da livraria de D. Quixote, se Cervantes a tivesse conhecido – ajuda a desbravar um caminho de exploração intertextual dos livros de cavalaria posteriores, que servem de continuação daquelas «muitas crónicas dos antigos emperadores».

Bibliografia

- Allen, Eduardo (1893): *Catálogo da Biblioteca Municipal do Porto. 6º Fascículo –Literatura*. Porto: Imprensa Civilização.
- Almeida, Isabel (1998): *Livros Portugueses de Cavalarias, do Renascimento ao Maneirismo* [tese de doutoramento]. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Almeida, Justino Mendes de (2000): *João de Barros e a cultura humanística*. Câmara Municipal de Oliveira do Bairro: Oliveira do Bairro.
- Álvarez-Cifuentes, Pedro (2012): «¿Belindo o Beliandro? La fijación del título de la *Crónica do Imperador Beliandro*». *Tirant. Butlletí informatiu i bibliogràfic de literatura de cavalleries* 15, pp. 33-46. DOI: <https://doi.org/10.7203/tirant.15.2083>
- Álvarez-Cifuentes, Pedro (2016): «En torno a la autoría de la *Crónica do Imperador Beliandro*: la hipótesis sobre Francisco de Portugal». *Atalanta. Revista de las Letras Barrocas* 4/1, pp. 5-28. DOI: <https://doi.org/10.14643/41A>
- Álvarez-Cifuentes, Pedro (2018): «Apuntes para una biografía de la condesa da Vidigueira», in Yolanda Romano Martín y Sara Velázquez García (coords.), *Las inéditas: voces femeninas más allá del silencio*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 339-352.
- Álvarez-Cifuentes, Pedro (2019): «La guerra de sucesión de Mantua: ¿una fuente de inspiración para la *Crónica do Imperador Beliandro?*», in Isabella Tomassetti (ed.), *Avatares y perspectivas del medievalismo ibérico*. San Millán de la Cogolla: Cilengua, vol. II, pp. 1301-1311.
- Álvarez-Cifuentes, Pedro (2021): «Un asunto de familia: la *Crónica do Imperador Beliandro* como epígono de la saga de los Palmerines ibéricos», in Axayácatl Campos García-Rojas y Mónica Vanessa Cruz Salinas (coords.), *Las altas caballerías y los sublimados hechos. Lecturas del Seminario de Estudios sobre Narrativa Caballeresca*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, pp. 33-49.
- Álvarez-Cifuentes, Pedro (ed.) (2025): *Crónica do Imperador Beliandro. Partes I e II*. Madrid: Sial Pigmalión.
- Barros, João de (1522): *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal descendem*. Lisboa: Germão Galharde.
- Barros, João de (1552): *Asia de Joam de Barros: dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente*. Lisboa: Germão Galharde.
- Bell, Aubrey F. G. (1922): *Portuguese Literature*. Oxford: Clarendon Press.
- Boxer, Charles R. (1981): *João de Barros. Portuguese Humanist and Historian of Asia*. New Delhi: Concept Publishing Company.
- Braga, Manuel Marques (1953): «Prefácio», in *João de Barros: Crónica do Imperador Clarimundo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, vol. I, pp. xi-xliv.
- Brandenberger, Tobias (2003): «Ficção e legitimação no *Clarimundo* de João de Barros», in Isabel de Barros Dias (ed.), *Discursos de legitimación. Actas do Colóquio Internacional de Lisboa*. Lisboa: Universidade Aberta [CD-rom].
- Brandenberger, Tobias (2004): «A *Crónica do Imperador Clarimundo*: estratégias discursivas e distorsões exergéticas». *Iberoromania* 59, pp. 42-58.
- Cacho Blecua, Juan Manuel (1979): *Amadís: heroísmo mítico cortesano*. Madrid: Cupsa.
- Carrasco González, Juan M. (1991): «El *Clarimundo* de João de Barros. Perspectivas para el análisis lingüístico de una obra portuguesa del siglo xvi». *Anuario de Estudios Filológicos* 14, pp. 97-103.

²¹ Para Finazzi-Agrò (1978: 69), com o protagonismo do português D. Belindo talvez «o autor tenha querido lisonjear o orgulho nacional».

- Coduras Bruna, María (2015): *Por el nombre se conoce al hombre. Estudios de antroponimia caballeresca*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza.
- Coelho, António Borges (1992): *Tudo é mercadoria: sobre o percurso e a obra de João de Barros*. Lisboa: Caminho.
- Correia, Isabel Sofia Calvário (2015): *Do Lancelot ao Lançarote de Lago*. Porto: Estratégias Criativas.
- Faria, Manuel Severim de (1624): «Vida de João de Barros», in *Discursos Varios Políticos*. Évora: Manoel Carvalho, fols. 22r-59r.
- Feitosa, Márcia Manir Miguel (2013): «João de Barros e a tradição cavaleiresca: o influxo medieval no Classicismo português». *Brathair* 13/1, pp. 44-55. <<https://ppg.revistas.uema.br/index.php;brathair/article/view/823>> [Consulta: 08/09/2023].
- Figueiredo, Fidelino de (1950): *A épica portuguesa do século XVI. Subsídios documentares para uma teoria geral da epopéia*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
- Finazzi-Agrò, Ettore (1978): *A novelística portuguesa do século XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.
- Fogelquist, James Donald (1982): *El Amadís y el género de la historia fingida*. Madrid: José Porrúa Turanzas.
- Lourenço, Eduardo (1986): «Clarimundo: da ideologia à simbologia imperial». *Cultura. História e Filosofia* 5, pp. 61-72.
- Menéndez Pidal, Ramón (1954): *Cantar de Mio Cid. Texto, gramática y vocabulario*. Madrid: Espasa Calpe.
- Mongelli, Lênia Márcia de Medeiros (1982): *Clarimundo e a épica de João de Barros* [tese de doutoramento]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Mongelli, Lênia Márcia de Medeiros (2025): «Uma “onça” ameaça o destino de Clarimundo». *Historias Fingidas* 12, pp. 185-231. DOI: <https://doi.org/10.13136/2284-2667/1528>
- Osório, Jorge Alves (1990): «Algumas considerações sobre a Crónica do Imperador Clarimundo». *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa* 13-14, pp. 145-155.
- Osório, Jorge Alves (2001): «Um género menosprezado: a narrativa de cavalaria do século XVI». *Máthesis* 10, pp. 9-34.
- Paixão, Rosário Santana (1993): «Crónica do Imperador Clarimundo: predestinação, aventura e glória do herói medieval na origem do reino português», in Aires Augusto Nascimento e Cristina Almeida Ribeiro (coords.), *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval (Lisboa, 1-5 Outubro 1991)*. Lisboa: Edições Comos, vol. IV, pp. 293-296.
- Paixão, Rosário Santana (1996): *Aventura e identidade. História fingida das origens e fundação de Portugal: Crónica do Imperador Clarimundo, um livro de cavalaria do quinhentismo peninsular* [tese de doutoramento]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Portugal, Francisco de (1670): *Arte de galanteria*. Lisboa: Iuan de la Costa.
- Reis, Flávio Antônio Fernandes (2013a): *A Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal desçendem: Retórica e ensinamento moral na crônica de João de Barros* [tese de doutoramento]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Reis, Flávio Antônio Fernandes (2013b): «O Clarimundo: uma “pintura metaforica” composta por João de Barros». *Eutomia* 1/12, pp. 220-237. <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/311>> [Consulta: 08/09/2023].
- Reis, Flávio Antônio Fernandes (2019a): «O príncipe exemplar: o Clarimundo de João de Barros como modelo de príncipe dirigido ao futuro rei D. João III». *Cadernos de Pesquisa do CDHIS* 31, pp. 155-181.
- Reis, Flávio Antônio Fernandes (2019b): «As saudades de Clarimundo: O lugar maravilhoso na narrativa cavaleiresca de João de Barros», in Maria Celeste Natário, Paulo Borges e Luís Loia (coords.), *Viagens da saudade*. Porto: Universidade do Porto, pp. 118-124.
- Reis, Flávio Antônio Fernandes (2020): «O Príncipe Excelente: O Clarimundo de João de Barros como modelo régio dirigido ao futuro rei D. João III», in Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, Marcelo Lachat e Lavinia Silvares (org.), *Hidra vocal. Estudos sobre retórica e poético (em homenagem a João Adolfo Hansen)*. São Paulo: Ateliê Editorial, pp. 211-220.
- Riscado, Maria Leonor Crespo Ramos (1988): *A linguagem poética da Crónica do Imperador Clarimundo. Da tradição à Inovação ou «O discurso da conciliação»* [tese de doutoramento]. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Romero, Nanci (2012): «Crônica do Imperador Beliandro de Grécia ou História Grega do Imperador Beliandro: uma revisão dos manuscritos», in Lênia Márcia Mongelli (ed.), *E Fizerom Taes Maravilhas... – Histórias de Cavaleiros e Cavalarias*. Cotia / São Paulo: Ateliê Editorial, pp. 415-428.
- Santos, Maria Helena Duarte (1987): *O mito do herói na Crónica do Imperador Clarimundo de João de Barros* [tese de doutoramento]. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Santos, Maria Helena Duarte (2001): «A novelística cavaleiresca», in Francisco Lyon de Castro (ed.), *História da Literatura Portuguesa, 2: Renascimento e Maneirismo*. Lisboa: Alfa, pp. 475-504.
- Siqueira, Ana Márcia Alves (2010): «A Crônica do Sonho Imperial Português». *Politeia. História e Sociedade* 5/1, pp. 119-131. <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3906>> [Consulta: 08/09/2023].
- Stegagno-Picchio, Luciana (1979): «Proto-história dos Palmeirins: A corte de Constantinopla do Cligès ao Palmeirim de Oliva», in *A lição do texto. Filologia e Literatura (I - Idade Média)*. Lisboa: Edições 70, pp. 167-206.
- Thomas, Henry (1920): *Spanish and Portuguese romances of chivalry: the revival of the romance of chivalry in the Spanish Peninsula, and its extension and influence abroad*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Vargas Díaz-Toledo, Aurelio (2006): «Os livros de cavalaria renascentistas na história da literatura portuguesa». *Península. Revista de Estudos Ibéricos* 3, pp. 233-247.
- Vargas Díaz-Toledo, Aurelio (2012a): *Os livros de cavalaria portugueses dos séculos XVI-XVIII*. Lisboa: Pearlbooks.
- Vargas Díaz-Toledo, Aurelio (2012b): «A literatura cavaleiresca portuguesa: estado da questão», in Lênia Márcia Mongelli (ed.), *E Fizerom Taes Maravilhas... – Histórias de Cavaleiros e Cavalarias*. Cotia / São Paulo: Ateliê Editorial, pp. 137-152.
- Vargas Díaz-Toledo, Aurelio / Álvarez-Cifuentes, Pedro (eds.) (2021): *Francisco de Moraes: Palmeirim de Inglaterra. Partes I-II*. Madrid: Sial Pigmalión.
- Ventura, Ricardo (2018): «Introdução: Crónica do imperador Clarimundo», in *Primeiro romance de cavalaria e primeira novela sentimental*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 19-32.